

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

**Guilherme Rodrigo Barbosa**

**A catequese de inspiração catecumenal na formação dos novos  
discípulos missionários.**

**São Paulo**

**2023**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Guilherme Rodrigo Barbosa**

**A catequese de inspiração catecumenal na formação dos novos  
discípulos missionários**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da  
Assunção, como requisito parcial para  
obtenção do título de BACHAREL em  
Teologia, sob a orientação do Prof. Dr Sidnei  
Fernandes Lima.

**São Paulo**

**2023**

**Guilherme Rodrigo Barbosa**

**A catequese de inspiração catecumenal na formação dos novos  
discípulos missionários**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da  
Assunção, como requisito parcial para  
obtenção do título de BACHAREL em  
Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Sidnei  
Fernandes Lima.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

---

**Prof. Dr. Sidnei Fernandes Lima**

*À Virgem Maria, Senhora de Aparecida.  
Ao meu irmão José Iran (in memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

À Trindade Santa por seu amor eterno e misericordioso.

À Virgem Santíssima, Senhora de Aparecida que com carinho de Mãe cuida de mim.

Ao meu amigo do céu, São Charles de Foucauld que com seu exemplo me inspira a cada dia gritar o Evangelho com a vida na imitação da vida de Jesus de Nazaré.

Aos meus formadores, em especial meu bispo Dom Edmilson Amador Caetano, OCist e ao meu reitor Pe. Francisco Gonçalves Veloso Junior que com carinho paterno cuidam da minha vida e vocação.

Ao Pe. José Wagner Ferrarezi meu pároco de origem e aos padres aos quais neste tempo de estudo teológico que acompanharam no estágio pastoral Pe. Romualdo Nunes de Almeida e Pe. Davi Clinton.

À minha família. Meus pais: Sr. Adenilton e Sra. Severina por me proporcionarem uma boa educação embasada no amor e no respeito, aos meus irmãos Adeilton e Gabriela e sobrinhos Lívia Maria e Miguel, que mesmo na distância se fazem presente no meu processo formativo.

Aos meus irmãos de turma Bruno, Daniel, Edson, João e Willian por caminharem comigo, terem paciência e me ajudarem nas minhas dificuldades. Ao José Iran (*in memoriam*) que do céu intercede por mim. Aos irmãos do Seminário Imaculada Conceição em especial Ricardo Valério que é dom de Deus na minha vida e aos amigos Douglas Gonzaga, Diego Gonzaga, Gustavo Laureano e Gustavo Vieira que foram essenciais nestes anos de estudo teológicos.

À Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP, com seus professores e funcionários.

Ao Prof. Dr. Pe. Sidnei pela paciência, profissionalismo e humanidade na orientação deste trabalho. Aos professores Dr. Pe. Felipe Cosme, Dr. Pe. Antônio Lisboa e Dr. Pe. Sérgio Lucas pela amizade feita durante esses anos.

Por fim, á todo povo de Deus que comigo caminham, sonham e partilham a vida e as esperanças de dias melhores.

Evangelizar no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude. (DGAE 2019 – 2023)

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como tema a catequese de inspiração catecumenal na formação dos novos discípulos missionários. Onde o objetivo é abordar a catequese no método de inspiração catecumenal como um grande meio para a formação da consciência missionária daqueles que estão no seu processo de formação catequética sejam eles crianças, jovens ou adultos. Essa pesquisa visa analisar a catequese partir da construção do processo catecumenal dos primeiros discípulos; a caminhada catequética no Brasil até a formação da catequese de inspiração catecumenal hoje que é uma urgência na Igreja do Brasil nas suas diretrizes gerais de ação evangelizadora.

**Palavras-chave:**Catequese; Catecumenal; Discipulos Missionários

## **ABSTRACT**

The present work has as its theme the catechesis of catechumenal inspiration in the formation of new missionary disciples. Where the objective is to approach catechesis in the method of catechumenal inspiration as a great means for the formation of the missionary conscience of those who are in their process of catechetical formation, whether they are children, young people or adults. This research aims to analyze catechesis from the construction of the catechumenal process of the first disciples; the catechetical journey in Brazil towards the formation of catechumenal-inspired catechesis today which is an urgency in the Church of Brazil in its general guidelines for evangelizing action.

**Keywords:** Catechism; Catechumenal; Missionary Disciples

## LISTA DE SIGLAS

|       |                                                                                                   |
|-------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| CELAM | Conferência Episcopal Latino-Americana                                                            |
| CNBB  | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil                                                         |
| CVII  | Concílio Ecumênico Vaticano II                                                                    |
| DAp   | Documento de Aparecida                                                                            |
| DIVC  | Documento da CNBB: <i>Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários</i> |
| DGAE  | Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora                                                          |
| EG    | Exortação Apóstolica, <i>Evangelii Gaudium</i>                                                    |
| EN    | Exortação Apóstolica, <i>Evangelii Nuntiandi</i>                                                  |
| IVC   | Iniciação à vida Cristã                                                                           |
| RICA  | Ritual de Iniciação Cristã de Adultos                                                             |
| SC    | Constituição Apostólica <i>Sacrosanctum Concilium</i>                                             |
| SD    | Documento de Santo Domingo                                                                        |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                     |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                              | <b>10</b> |
| <b>CAPÍTULO I – A VIVÊNCIA CATECUMENAL DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS.....</b>                                                                   | <b>12</b> |
| 1.1. Relatos da primeira comunidade em atos dos apóstolos.....                                                                                      | 12        |
| 1.2. A acolhida e a evangelização dos catecúmenos nas primeiras comunidades cristãs.....                                                            | 14        |
| 1.3. Celebração do Batismo e Unção do Espírito Santo.....                                                                                           | 17        |
| 1.4. Fim do catecumenato.....                                                                                                                       | 19        |
| <b>CAPÍTULO II – A CATEQUESE DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL COMO URGÊNCIA NA IGREJA DO BRASIL NAS DGAE DE 2015-2019 E 2019-2023 E SUA APLICAÇÃO.....</b> | <b>24</b> |
| 2.1. Resgate do Catecumenato no CVII.....                                                                                                           | 24        |
| 2.2. Resgate Histórico da Catequese no Brasil e elaboração da Catequese de Inspiração Catecumenal.....                                              | 28        |
| 2.3. A Luz das DGAE como aplicar a catequese de inspiração catecumenal.....                                                                         | 31        |
| 2.4. Aplicação da Catequese de Inspiração Catecumenal na Diocese de Guarulhos.....                                                                  | 33        |
| <b>CAPÍTULO III – A LUZ DA CATEQUESE DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL FORMAR A IDENTIDADE MISSIONÁRIA NO CATEQUISANDO.....</b>                             | <b>37</b> |
| 3.1. Como é formada a Identidade Missionaria?.....                                                                                                  | 37        |
| 3.2. Como Aplicar a Formação Missionaria na Catequese de Inspiração Catecumenal?.....                                                               | 41        |
| 3.3. Aplicação da Identidade nas Comunidades Eclesiais Missionárias.....                                                                            | 44        |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                                                                                               | <b>46</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                                                              | <b>48</b> |

## INTRODUÇÃO

O Concílio Ecumênico Vaticano II nos impulsiona a um retorno as fontes, para que olhando o passado possamos nos espelhar e criar possibilidade para o futuro. É neste sentido que a Igreja no Brasil através dos seus Bispos em assembleia optou como urgência para a catequese como modelo a inspiração catecumenal, para que a exemplo das primeiras comunidades cristãs possamos elaborar catequeses que proponham a formação e amadurecimento na fé, a vivência comunitária e a ação missionária.

Então, sintonia com a caminhada pastoral da igreja no Brasil que neste trabalho desejo trilhar um caminho sobre a *Catequese de inspiração catecumenal na formação dos novos discípulos missionários*, para além de estar em comunhão com os projetos e anseios da Igreja no Brasil também contemplar para os novos tempos novos métodos de anúncio e formação inicial e permanente na fé.

A partir da problemática de como a catequese de inspiração catecumenal fortalece a formação missionária dos catequizandos notaremos que é urgente e necessária uma reestruturação do método catequético, que leve o catequizando a modificar a perspectiva de uma catequese teórica – muito parecida com a escola -, para um modelo que envolva teoria e prática, proporcionando ao catequizando e sua família uma experiência profunda e verdadeira com o Ressuscitado e com a comunidade; a partir daí, orientando-o no processo de tomada consciência da sua missão no mundo.

Deste modo, no primeiro capítulo faremos um resgate histórico de como acontecia o processo de iniciação cristã nas primeiras comunidades cristãs, a evangelização, processo de acolhida, processo catecumenal, celebração dos sacramentos na vigília pascal e inserção na comunidade e quando este primeiro tempo do catecumenato terminou.

No segundo capítulo, resgataremos o pedido de restauração do catecumenato no Concílio Ecumênico Vaticano II bem como um resgate histórico da catequese no Brasil, com as Influências do processo catequético neste país que nos assombram até hoje e o processo de criação da catequese de inspiração catecumenal e a urgência da aplicação deste pedido pelos bispos nas diretrizes gerais da ação evangelizadora dos últimos oito anos e a prática deste método na diocese de Guarulhos.

Por fim, no terceiro e último capítulo vamos nos deter na aplicação da formação missionária dentro deste da inspiração catecumenal, pois, tendo como centro do seu método o querigma como incentivar e inspirar os catequizando a tomarem consciência e assumirem seu papel missionário na Igreja que os sacramentos os impulsionam e formarem juntos com os outros irmãos de fé nas comunidades eclesiais missionárias.

## **CAPÍTULO I**

### **A VIVÊNCIA CATECUMENAL DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS**

Neste primeiro capítulo, temos como intenção apresentar o processo de evangelização, acolhida e recepção dos sacramentos nas novas comunidades recém evangelizadas e formadas a partir do testemunho e anúncio dos Apóstolos no relato de Atos.

A evangelização passa por um tripé – anúncio, conversão e recepção dos sacramentos – que compõem todo o processo catecumenal das primeiras comunidades e que muito diz para a evangelização da atualidade.

#### **1.1. Relatos da primeira comunidade em Atos dos Apóstolos.**

Jesus Cristo, o Verbo encarnado do Pai, com a sua vida, concedeu ao mundo um projeto de vida eterna, dado pelo Pai para toda a humanidade que estava perdida pelo pecado que entrou no coração do homem. Jesus é aquele que foi enviado para salvar a humanidade, e levou isso até as últimas consequências com o processo salvífico da paixão, morte e ressurreição.

O cristianismo nascente em menos de três séculos transformou-se de religião fora da lei, periférica e perseguida, em religião oficial. Já no século IV, os cristãos adquiriam o direito ao culto público e à cidadania. Com o fenômeno posterior das grandes migrações do norte para o sul, em busca de melhores terras e condições de vida, o cristianismo também se tornou elemento unificador no continente europeu e no oriente próximo. As atividades da Igreja, sobretudo a evangelização e a catequese, para além de sua finalidade principalmente de formar discípulos e seguidores de Jesus Cristo, adquiriram também o caráter de instrumento de socialização e inculturação. (LIMA, 2016, p.19).

Com esse resumo do Pe. Lima pode visualizar o caminho do cristianismo no mundo e sociedade. Passou de perseguida para religião oficial e com influência na sociedade. Porém, ela começou com um pequeno grupo que com os testemunhos de suas vidas, souberam evangelizar e atrair outros a essa experiência de vida.

Após o evento pascal de Jesus, ele envia o Espírito Santo sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes, eles ficam cheios do Espírito Santo, falavam em outras línguas conforme o Espírito os inspirava. (cf. At 2, 1-4).

Durante a sua vida, com as suas pregações e manifestações confiou aos discípulos um itinerário de formação a partir do testemunho e dos ensinamentos dos Apóstolos formaram as primeiras comunidades cristãs como nos apresenta o Atos dos Apóstolos:

A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum. Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor, e todos tinham grande aceitação. Não havia entre eles necessitado algum. De fato, os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuíam-se então, a cada um, segundo sua necessidade. (cf. At 4, 32-35).

Conforme relata os Atos dos Apóstolos, a primeira comunidade cristã foi formada em torno dos apóstolos, na escuta de seus testemunhos, na vida comunitária fraterna e na partilha generosa entre eles, a partir de então, começam-se as viagens missionárias dos Apóstolos e a comunidade se fortalecia no vínculo da unidade e na partilha de bens: “Os cristãos testemunham a ressurreição e digam que Cristo é o Senhor. Isto quer dizer: “Para nós, quem manda quem orienta é Jesus”. A referência para eles viverem não é, mas a lei de César, mas o projeto de Jesus de Nazaré.” (SANTARÉM, 1987, p.19).

Sendo a referência para viver e se portar em sociedade Jesus e o seu plano de vida, os cristãos colocaram-se em contrapartida com o poder vigente a época e a partir disso começaram-se então perseguição como está presente no capítulo cinco: “Interveio então o Sumo Sacerdote com toda a sua gente, isto é, o partido dos saduceus. Tomados de inveja, lançaram as mãos sobre os Apóstolos e os recolheram na prisão”. (cf. At 5, 17-18).

Mesmo diante das perseguições os cristãos permaneciam unidos a sua comunidade Apostólica e mantinham-se unidos, e mesmo diante das perseguições, as viagens missionárias dos apóstolos geravam frutos de milagres e conversões e acontecia o batismo dos primeiros gentios, fruto das viagens missionárias dos apóstolos.

É uma época densa de heroísmo e também de perseguições constantes. Os escritos apostólicos falam da doutrina, culto, constituição e disciplina. A Igreja-Mãe Jerusalém, exercia

grande influência e ainda não havia muita distinção entre Sinagoga e Igreja cristã. (LIMA, 2016, p.20).

Podemos dizer que a era apostólica foi um momento de grande crescimento para a Igreja e a comunidade primitiva, mesmo diante de tantas perseguições mantinha-se firme e cada vez com mais adeptos, mesmo que muitos desses, ainda fixados na tradição judaica, donde surgiam embates entre os seguidores da proposta cristã e os cristãos judaizantes: “É nítido, nos escritos paulinos, o embate entre a nova proposta cristã e a força dos cristãos judaizantes para manter a tradição mosaica”. (LIMA, 2016, p.20).

## **1.2. A acolhida e a evangelização dos catecúmenos nas primeiras comunidades cristãs.**

Processo de Iniciação Cristã se dava através da pregação apostólica, aqueles que ouviam eram batizados para a remissão dos pecados e então receberiam o Dom do Espírito Santo.

A pregação apostólica e das primeiras gerações cristãs tinham muito presente o mandato missionário de Jesus Cristo (Mc 16,20; Mt 28,20). Seu núcleo central é o Reino de Deus pregado por Jesus, que se confunde com sua própria pessoa; proximidade desse reino, a conversão a ele para dar início aos últimos tempos: em Cristo Jesus, Deus se manifestou plenamente, sobretudo em sua paixão, morte e ressurreição, e nada mais devemos esperar: chegaram os últimos tempos (era escatológica). Entretanto, a demora da segunda vinda de Jesus levou os cristãos a compreender que sua missão seria renovar a história e a humanidade através do discipulado de Jesus. (LIMA, 2016, p.24).

O Catecumenato surge após o século quarto. Com a perseguição em massa dos cristãos, muitos abandonavam a Fé, por isso, foi pensado um processo de evangelização sólida, para que consolidados na Fé suportassem a perseguição e muitas vezes a morte.

No século II, o número de conversões aumentava sempre e muitos batizados se deixavam levar pela heresia, ou se amedrontavam pela perseguição. Foi então que teve início o catecumenato institucionalizado, uma das instituições mais eficazes e frutuosas da história da Igreja: tempo extremamente sério de formação, para afirmar bem a fé, para testar a vida no meio do mundo pagão, e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo. (LIMA, 2016, p.27).

Porem, para iniciar o processo catecumenal, o acolhido passava por um processo de acolhida, onde os responsáveis iriam acompanhar e observar a conduta de sua vida para assim iniciar o processo catecumenal para a iniciação cristã.

Algumas características do catecumenato: o primeiro anúncio, a comunicação da fé, o primeiro testemunho e convite a aceitar a Palavra e a conversão eram tarefas da comunidade, ao passo que a catequese propriamente dita, como ensinamento e instrução, era competência do catequista, ele era o doctorm ou seja aquele que sabe e tem capacidade de instruir, ensinar, educar. A partir de determinado momento, o bispo, que presidia a comunidade como sucessor dos apóstolos, instruía oficialmente: era o catequista. (LIMA, 2016, p.27).

Hipólito de Roma relata na Tradição Apóstolica sobre a acolhida dos catecúmenos:

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra, sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo - e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé. Dêem testemunho deles os que tiverem conduzindo, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra. Sejam também interrogados sobre sua vida: se tem mulher, se é escravo; se algum deles fôr escravo de um fiel – e o seu senhor lhe permitir, ouça a Palavra; mas se o senhor não der testemunho dele dizendo que é bom, seja recusado. Se o senhor for pagão, seja-lhe ensinado a agradecer ao senhor para evitar a blasfêmia. Se um homem tem mulher, se uma mulher tem marido, sejam ensinados a contentar-se – o homem com a mulher e a mulher com o marido. Se, porem um homem não vive com uma mulher, seja ensinado a não fornicar mas a tomar a mulher segundo a Lei – ou a permanecer como está. Se alguém estiver possuído pelo Demônio, não ouça a palavra da doutrina enquanto não for purificado. (HIPÓLITO, 1971, p.46).

Observa-se na citação anterior que era rigorosa a acolhida dos que queriam se aproximar da fé. Mas, além da conduta de vida, eram, sobretudo, observados seus trabalhos e convidados, dependendo do trabalho que exerciam a cessar ou seriam recusados a serem admitidas para ouvirem a Palavra.

Após essa avaliação sobre a vida e ofícios dos que se aproximavam da Fé, iniciava-se o processo de escuta da Palavra: “Após os trabalhos e as ocupações, o tempo de ouvir a palavra. Ouçam os catecúmenos a Palavra durante três anos. Se alguém deles fôr atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente o seu caráter – nada mais - será julgado.” (HIPÓLITO, 1971, p.49 ).

O processo de escuta da palavra durava então, três anos e esses eram acompanhados pelos seus catequistas, figuras importantes no itinerário desses iniciados que os instruíam na Fé a partir da Palavra e da vivência dos Mandamentos, como nos apresenta a Didaqué: “O caminho da vida é, pois, o seguinte: primeiro amarás a Deus que te fez; depois a teu próximo como a ti mesmo. E tudo o que não quiser que seja feito a ti, não o faças a outro. Eis a doutrina relativa a estes mandamentos.” (DIDAQUÉ, 2019, p.19).

Durante os três anos de escuta da Palavra o catecúmeno é introduzido de forma gradativa na vivência litúrgica da comunidade, bem como na convivência com os irmãos, porém, dentro da liturgia, eles não participam de toda o rito e ficam separados dos fiéis – que são os já batizados - eles participam da liturgia da palavra, recebem a oração de imposição de mãos do catequista e o clérigo ou leigo que profere a instrução da doutrina, dispensa-os, isso acontece até o fim do período catecumenal onde eles recebem os sacramentos. Hipólito de Roma escreve sobre isso:

O Catequista, após a prece, imporá a mão sobre os catecúmenos, rezará e os dispensará; quer seja um clérigo ou leigo, o que prega a doutrina assim o fará.” Vale a pena ressaltar que eles não se cumprimentam com o osculo da paz, pois o mesmo ainda não é santo. Ao cessar o catequista a instrução, rezem o catecúmeno em particular, separado dos fiéis” (HIPÓLITO, 1971, p.49).

No fim dos três anos, os que foram escolhidos para serem batizados devem ser preparados de forma mais intensa:

Escolhidos os que receberão o Batismo, sua vida será examinada: se viveram com dignidade enquanto catecúmenos, se honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se só praticaram boas ações. E, ao testemunharem sobre eles os que os tiverem apresentado, dizendo que assim agiram, ouçam o Evangelho. (HIPÓLITO, 1971, p.50).

Isso feito, eles são encaminhados para a prece diária com a imposição das mãos em seguida levados ao Bispo para serem exorcizados, assinados com o sinal da cruz nos sentidos e convidados a jejuarem e permanecerem vigilantes nos dias que antecede o dia do Batismo, a saber, o sábado:

Aproximando-se o dia em que serão batizados, exorcize o bispo cada um, para saber se é puro; Jejuem os que receberão o Batismo na véspera do sábado; e, no sábado. Serão eles

reunidos em um só local, designado pelo bispo; Ordene-se a todos que rezem e se ajoelhem: impondo sobre eles a mão, exorcizará o bispo todos os espíritos estranhos para que fujam e não tornem jamais; ao terminar o exorcismo, sobre-lhes no rosto. Depois de marcar-lhes com o sinal da cruz a fronte, os ouvidos e as narinas, ele os fará levantar-se. E permanecerão vigilantes durante toda a noite, e se lerá para eles, e serão instruídos. (HIPÓLITO, 1971, p.50).

Concluindo essa parte, observando que o processo de acolhida e instrução dos catecúmenos é levado a sério tanto pelos catequistas, quanto pelos catecúmenos. Veremos no próximo sub-capítulo o ritual da recepção dos sacramentos.

### **1.3. Celebrações do Batismo e Unção do Espírito Santo e Eucaristia.**

Finalizado o tempo catecumenal, os candidatos são eleitos para receberem o Batismo e a unção com o Espírito Santo, eles são examinados e colocados a prova para aprovação ou não do batismo.

Escolhidos os que receberão o Batismo, sua vida será examinada: se viveram com dignidade enquanto catecúmenos se honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se só praticaram boas ações. E, ao terem testemunhado sobre eles os que tiverem apresentados, dizendo que assim agira, ouçam o Evangelho. Desde o momento em que houverem sido separados, seja imposta a mão sobre eles, diariamente, e ao mesmo tempo sejam exorcizados. (HIPÓLITO, 1971, p.50).

Hipólito de Roma, ainda descreve sobre o rito batismal, onde pós-eleição são iniciados os processos para o batismo. Começa-se então com a preparação da água:

Ao cantar do galo, reza-se primeiro sobre a água. Deve tratar-se de água corrente, na fonte, ou derramando-se do alto; assim deve ser, exceto, porém, em caso de necessidade: se está persistir, ou for premente, usa-se a água que se encontrar. (HIPÓLITO, 1971, p.51).

Após esse cuidado com a água, tem-se um cuidado com os catecúmenos, e na ordem que receberão o batismo.

Os batizando despirão suas roupas, batizando-se primeiro as crianças. Todos os que puderem falar por si mesmos, falem. Os pais, ou alguém da família, falem, porém, pelos que não puderem falar por si. Batizem-se depois os homens e finalmente as mulheres – que terão soltado os cabelos e tirado os enfeites de ouro (prata) que sobre si levassem: ninguém usará qualquer objeto estranho ao descer para a água. (HIPÓLITO, 1971, p.51).

O batismo é o momento da purificação, por isso eles devem ir a fonte batismal despidos, para que sejam revestidos da vida nova que o batismo traz. Antes do banho batismal, acontece a renúncia e a unção com o óleo do exorcismo para depois se seguir o banho batismal.

Após a renúncia de cada um, unja-o com óleo de exorcismo, dizendo-lhe: Afaste-se de ti todo espírito impuro. E, assim, o entregue nu ao bispo ou ao presbítero que se mantém junto d'água e batiza. (HIPÓLITO, 1971, p.52).

Interessante observar que o batismo era conferido durante a profissão de fé, conforme se ia confirmando a fé sobre cada parte da profissão de fé, relacionada a uma pessoa da Santíssima Trindade, a pessoa recebia o batismo.

Assim que desce a água, o que é batizado, diga-lhe o que batiza, impondo sobre ele a mão: Crês em Deus Pai todo Poderoso? E o que é batizado, responda: Creio. Imediatamente, com a mão pousada sobre a sua cabeça, batize-o uma vez.(HIPÓLITO, 1971, p.52).

Ao final, das três invocações da santíssima trindade, o batizado é ungido com o óleo santificado, que diz: “Unjo-te com o óleo santo, em nome de Jesus Cristo” (HIPÓLITO, 1971, p.53). Após isso, um a um, é enxugado, vestido e entram na Igreja.

A confirmação, presidida pelo bispo é feita em dois passos, a imposição das mãos com a invocação do Espírito Santo e a unção na fronte, como vemos a seguir:

O bispo, impondo sobre eles a mão, faça a invocação dizendo: Senhor Deus, que os tornastes dignos de merecer a remissão dos pecados pelo banho da regeneração, torna-os dignos de ser cumulados do Espírito Santo; lança sobre eles a tua graça para que te sirvam de acordo com a tua vontade, pois a ti a glória – ao Pai e ao Filho, com o Espírito Santo na santa Igreja, pelos séculos dos séculos. Amém. Depois, derramando óleo santificado na mão e pondo-a sobre a sua cabeça, dia: “Eu te unjo com o óleo santo, no Senhor Pai Onipotente e em Jesus Cristo e no Espírito Santo” Marcando-o na fronte com o sinal da cruz, ofereça-lhe o ósculo e dia: “O Senhor esteja contigo”. Responda o que foi marcado: “E com o teu Espírito” Assim proceda com cada um. (HIPÓLITO, 1971, p.53).

Após o Batismo, a unção com o Espírito Santo – Crisma – os que receberam os sacramentos, recebiam a primeira eucaristia, pela primeira vez eles participavam do banquete eucarístico, participavam da liturgia eucarística.

Os diaconos apresentavam o cálice com vinho, o pão, leite e mel, representando o Corpo, Sangue de Cristo e também a promessa que Deus fez aos antepassados.

Os diáconos ofereçam então a oblação ao Bispo. Dê este graças sobre o pão para representação do Corpo de Cristo e sobre o cálice de vinho preparado, para a imagem do Sangue do Senhor que foi derramado por amor de todos os que crêem nele. Igualmente sobre o leite e o mel misturados, para lembrar a plenitude da promessa feita aos antepassados, nessa promessa anunciou Deus a “terra de onde fleuem o leite e o mel”. (HIPÓLITO, 1971, p.54).

Finalizado o rito, os recém-batizados são enviados e exortados a viverem com boa conduta: “Após a cerimônia, apressem-se a praticar o bem, a agradar a Deus, a viver corretamente, pondo-se à disposição da Igreja, fazendo o que aprenderam e progredindo na piedade”. (HIPÓLITO, 1971, p.55).

Uma vez consolidado, o catecumenato passa a ser uma etapa obrigatória na preparação ao batismo, que na época inclui a unção crismal, o catecúmeno passa também conseqüentemente a ser partícipe da eucaristia. A catequese, aos poucos vai se configurando durante o processo pós-catecumenal, pós-batismal, como aprofundamento e sistematização dos elementos fundamentais da vida cristã, visando levar o cristão à maturação na fé, na esperança e na caridade. (NERY, 2001, p.53).

Como na citação acima, o catecumenato configura o que conhecemos por catequese, configura esse processo de instrução na fé, cujo fim é que o catequizando – aquele que recebe a catequese – alcance a maturidade na fé.

#### **1.4. Fim do Catecumenato.**

A partir do ano 313, o Cristianismo se torna a religião oficial do Império e assim formando uma sociedade Cristã, iniciou a era da cristandade.

Em fevereiro de 313, com Édito de Milão, o imperador Constantino Magno reconheceu, na prática, a força dos cristãos: enriquecidos de mártires, teólogos, ascetas e grandes pastores, constituíam apenas 10% da população mais ativa do mundo então conhecido. Há então uma reviravolta no cristianismo: de religião perseguida e fora da lei, torna-se religião autorizada pelo Estado, depois favorecida por ele, e finalmente, em 380, torna-se religião do estado, com o Édito de Tessalônica, por parte de Teodósio Magno. Em 392, o mesmo Teodósio proíbe os cultos

pagãos, dando mais força ainda ao cristianismo. (LIMA, 2016, p.30-31).

Com essa realidade, o catecumenato começou a diminuir, pois as pessoas eram predominantemente cristas e não mais precisando de uma catequese para as pessoas adultas.

Os favores do império romano ao cristianismo passam a enfraquecer as motivações para a fé, o caminho catecumenal, os compromissos, Com a decadência do cristianismo primitivo, cooptado pelo Estado e pelos bens terrenos, e com o surgimento e consolidação da cristandade, isto é, do cristianismo como religião oficial e cada vez mais única, e com todos os direitos, o catecumenato e a catequese vão ruindo. O longo e rigoroso processo catecumenal é aos poucos reduzido, desaparecendo aquele processo educativo cristão, gradativo, experiencial, comunitário, dialogal de conversão e ação. (NERY, 2001, p.63).

É na cristandade, que o catecumenato perde a sua função tão importante na formação dos novos cristãos, levando muitas pessoas ao batismo, mas sem muito compromisso com aquilo que se estava recebendo.

Isso fez com que aumentasse o número de conversões, com o inconveniente de se tornarem menos sinceras. Os catecúmenos afluíam numerosos, mas sem pressa de ser batizados: o catecumenato se prolonga indefinidamente. Sob pressão, o catecumenato vai se reduzindo, até limitar-se ao tempo da quaresma: isso porque a Igreja quer guardar um mínimo de preparação séria ao Batismo. (LIMA, 2016, p.31).

Neste tempo, a sociedade tornara-se cristã, e com a diminuição do batismo de adultos, foi necessária uma mudança para a administração do batismo. Assim, surgiu o Batismo de Crianças, batismo era conferido para as crianças filhas de casais cristãos.

No século IV, ainda na gestão imperial de Constantino, além do batismo em massa para adultos, tem início o batismo de crianças, que em pouco tempo alcança ampla generalização, obviamente com incertezas, dúvidas e resistências. (NERY, 2001, p.63).

Para o ritual do batismo de crianças, o ritual de batismo de adultos é adaptado e os pais e padrinhos são os que respondem as perguntas que o batizando deveria responder. (LIMA, 2016, p.31). Essa ação é embasada em Santo Agostinho que no século V elabora três argumentos teológicos que fundamenta tal ação.

Ele elabora três teses fundamentais a favor desta prática: a) a da “fé emprestada à criança”, por parte dos pais e padrinhos e comunidade; b) a da “remissão do pecado original”, com o qual a criança é concebida; c) a da gratuidade da ação salvadora de Deus mediante o batismo. (NERY, 2001, p.63-64).

Neste período, a educação na fé das crianças passa para a família, em especial a mãe. “Mas acredita-se que o contexto familiar, social, cultural, todo impregnado pelo cristianismo, fará a pessoa ser cristã de modo automático, pelo simples fato de estar neste contexto, estar mergulhada na realidade cristã.” (NERY, 2001, p.64).

Muitas vezes essa catequese não é sólida o bastante, mas acredita-se que o contexto social cristão que aquela criança está inserida a ajuda na fortificação da fé, chamada posteriormente de catequese por imersão<sup>1</sup>:

Inicia-se na história da Igreja o que podemos denominar de catequese por imersão, isto é, alguém nascendo na cristandade só podia ser cristão, por escolha ou não. Cai conseqüentemente, a importância do catequista ou doutores da fé, e também, a formação do clero é, cada vez mais, descuidada. Para que catequese, para que catecumenato se todos são obrigados a serem cristãos? (NERY, 2001, p.65).

Observa-se que toda o processo catecumenal que envolvia a comunidade, o catecúmeno, a família etc., é perdido com a catequese por imersão e resumindo a catequese somente na preparação para a recepção dos sacramentos para concluir a iniciação cristã que são a Eucaristia e Crisma.

E depois quando a catequese é retomada, vai se limitar, por muitos séculos, às crianças, em função da primeira eucaristia e da crisma, pressupondo a fé, automaticamente recebida no batismo nos primeiros dias após o nascimento. (NERY, 2001, p.65).

Uma perda que podemos observar na mudança do modelo catequético é a vivência comunitária, tendo em vista que todo o catecumenato estava inserido na dinâmica comunitária. Perda que influenciou na catequese até hoje.

---

<sup>1</sup>No período que vai mais ou menos do século V ao século XVI, pode-se dizer que a catequese já não consistia tanto numa iniciação à comunidade de fé como verificamos na fase anterior. É que a sociedade inteira, em todos os aspectos, se considerava animada pela religião cristã, a ponto de se estabelecer uma aliança entre o poder civil e eclesiástico. Foi o que se chamou de cristandade. A catequese se fazia então, por um processo de imersão nessa cristandade. Sem esquecer a influência da família, das escolas episcopais e monacais e da pregação, convém ressaltar que a educação da fé se realizava pela participação numa vida social profissional e artística marcada pelo religioso, num ambiente cristão presente na sociedade. (CATEQUESE RENOVADA, 1983, nº 8-9)

Nestes primeiros séculos, a catequese, nascida dentro da grande estrutura catecumenal como o momento do ensino, da doutrina, da instrução, foi antes de tudo uma função vivida na comunidade, antes mesmo de ser codificada. Era um apelo, um chamado, uma vocação da comunidade eclesial. (LIMA, 2016, p.32).

Importante essa citação do Luís Alves de Lima, onde mostra que a catequese deve ser uma vivência totalmente comunitária, não pode existir uma catequese que esteja à parte da comunidade, que não esteja inserida na comunidade onde ela está e fora da vivência litúrgica. Ainda escreve, Lima sobre o fim do catecumenato: “Depois passou a significar a apresentação da fé da comunidade, num desenvolvimento oral e metódico, porém, separado ou divorciado de todo aspecto litúrgico-ritual” (LIMA, 2016, p.32).

Com a chegada da Idade Média (476), a Igreja vai ao encontro dos migrantes do norte, chamados de Bárbaros, e com essa evangelização dos povos do ocidente, acontece um momento de inculturação com a cultura greco-romana e assim, fortalecendo ainda mais a cristandade.

É um grande momento de inculturação da fé cristã no ocidente: o cristianismo, nascido e desenvolvido em ambiente semita, logo se incultura no mundo greco-romano; agora vive e expressa o Evangelho também com a cultura germânica. Consolida-se a cristandade, agora enriquecida com mais essa contribuição. (LIMA, 2016, p.32-33).

Vale ressaltar que esse tempo de grande evangelização e expansão do cristianismo e ocupando o centro de toda a realidade da sociedade, quase até não havendo separação entre igreja e estado e isso implica até organização do calendário da sociedade que marcam o tempo litúrgico, domingo e festas cristãs. “Todo momento importante da comunidade era celebrado social e liturgicamente, sem haver também muita separação entre a festa profana e as celebrações religiosas: vida cotidiana e vida litúrgica se misturavam. Há uma total interação entre fé e vida” (LIMA, 2016, p.33). É por este contexto social da era medieval que não se havia a estrutura catequética nem de crianças, nem de adultos, pois se pensa que toda a vivência social já é uma grande catequese.

Após a idade média, com a chegada da idade moderna, onde a igreja vive momentos importantes como o Concílio de Trento e Sínodos territoriais e provinciais.

Em Trento, vivenciamos a era dos catecismos, que vem do movimento reformista e antirreformista e que era de grande auxílio para os párocos nas catequese e para os embates contra o pensamento reformista e que perdura até próximo ao Concílio Vaticano II.

A partir da reforma e contrarreforma, nasceu a “era dos catecismos”, perdurando até as portas do Vaticano III, em geral com tom quase exclusivamente antiprotestante e polêmico. Trento é considerado, com razão, um concílio doutrinal; mas foi também pastoral, na medida em que se estabeleceu normas e procedimentos que muito favoreceram a organização da igreja, principalmente na *cura animarum* (zelo pastoral). (LIMA, 2016, p.39).

Com essa citação, observamos um retorno da igreja para uma estrutura catequética educativa, com um roteiro de atividade a ser aplicado em comunidade e com um material, que é o catecismo, é uma opção para a catequese e para o retorno daquilo que foi vivenciado no passado, que é o catecumenato. “Muitas ordens religiosas, nascidas neste clima de reforma, tiveram influência na catequese deste período: capuchinhos, barnabitas, escapulários, mas, sobretudo, os jesuítas.” (LIMA, 2016, p.40). É importante lembrar dessas ordens com tantas figuras importantes para o movimento da época que se destacaram por publicaram catecismos de grande influência na época que se destacavam pela aplicação sintética da doutrina e moral.

Por fim, neste capítulo, quisemos apresentar o período catecumenal, a começar pelas primeiras comunidades cristãs que se formavam em torno dos testemunhos dos Apóstolos e Discípulos de Jesus e que aprendiam diretamente D’Ele ou de pessoas que vivenciaram o acontecimento pascal.

Depois, com o catecumenato instituído, quisemos apresentar o processo de acolhida, catequese e sacramental do período catecumenal com aqueles que queriam fazer parte da comunidade cristã.

Por último apresentar o declínio deste período, dando espaço para a catequese familiar e social que resultou no modelo catequético atual, que depois do Concílio Vaticano II, com o movimento catequético inspirado a partir dele, retoma o desejo de retornar a experiência catecumenal, não de forma total, mas como inspiração catecumenal, de forma que a catequese de hoje se inspire neste modelo e que a igreja do Brasil, através das suas duas últimas diretrizes gerais de ação evangelizadora, colocam como urgência para a aplicação no Brasil.

## CAPÍTULO II

### A CATEQUESE DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL COMO URGÊNCIA NA IGREJA DO BRASIL NAS DGAES DE 2015-2019 E 2019-2023 E SUA APLICAÇÃO.

Após trabalharmos no capítulo anterior sobre o processo catequético dos primeiros cristãos – o catecumenato – e a trajetória para se receber os sacramentos da Iniciação Cristã.

Neste capítulo pretendemos trabalhar a catequese de inspiração catecumenal como urgência na Igreja do Brasil a partir das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, começando com um resgate histórico da catequese no Brasil, a formação da Catequese de Inspiração Catecumenal e um exemplo prático de aplicação deste modelo catequético na Diocese de Guarulhos.

#### **2.1 Resgate histórico da catequese no Brasil.**

Sabe-se que a colonização do território brasileiro, antes desconhecido, começou por volta dos anos 1500 com a expedição portuguesa. *“Portugal fora destinado por Deus para uma grande missão, a de salvar esses povos desconhecidos e infiéis”*. (LUSTOSA, 1999, p.16).

É com essa mentalidade que inicia a evangelização nas terras desconhecidas do Brasil, claro que a expedição portuguesa não somente tinha interesse na “evangelização” dos que aqui habitavam mas, sobre tudo, havia interesses econômicos como novamente nos afirma Oscar Lustosa:

No regimento dado por Dom João II ao primeiro governador do Brasil, Tomé de Souza (1548), estão apontados, de maneira concreta, alguns dados do futuro sistema: quanto à política comercial, monopólio e controle do Estado, sobretudo em relação ao pau-brasil; quanto à política de segurança, medidas preventivas contra os ataques dos índios inamistosos e dos corsários franceses; quanto à política populacional, assentamentos dos portugueses e índios em lugares estratégicos e favoráveis à agricultura, ao mercado e a comunicação marítima com o Reino. (LUSTOSA, 1999, p.17).

Com a citação acima, fica claro a intenção primária da expedição portuguesa de criar um sistema político organizado em que pudessem explorar economicamente

essas terras e controlar a população indígena que era uma preocupação para o Rei, pois, precisavam o quanto antes serem conhecidos e integrados.

Mesmo com esse plano de fundo, havia uma intenção religiosa do Rei de Portugal de catequizar essas terras que ordenava: *“porque a principal causa que me move a mandar povoar as ditas terras do Brasil foi para que a gente dela e conversesse a nossa sante fé católica”* (LUSTOSA, 1999, p.16).

Formou-se então com esse impulso do Rei de Portugal um período catequético que se desdobra em duas dimensões a dimensão clássica da catequese que é uma “cópia” do modelo europeu e a missionária que é a que vai de encontro com os índios e negros. *“Em uma e outra, trata-se de uma ação pastoral comprometida, porque opera nos esquemas da política do reino português.”* (LUSTOSA, 1999, p.17).

Foi só a partir de 1549, com o primeiro governo brasileiro e o primeiro bispado instituído que foi em Salvador, Bahia, 1552 que os primeiros religiosos chegaram nestas terras. Os primeiros a chegar, acompanhados de Tomé de Souza foram os jesuítas, que começam a implantar a catequese e a seguir chegam os carmelitas, beneditinos e franciscanos.

Com essas forças religiosas chegadas, o processo catequético foi iniciado, porém, as duas dimensões catequéticas começam a se sobrepor, pois o modelo tradicional – europeu – não consegue se adaptar as pessoas aqui encontradas e responder aos seus apelos e demandas do momento.

O “projeto da catequese missionária” junto aos gentios do Brasil imporá gradualmente descoberta e experimentada pelos evangelizadores, implicando certas condições fundamentais da parte dos missionários e envolvendo uma escolha e aplicação de mecanismos originais para a eficiência da sua implantação e desenvolvimento. (LUSTOSA, 1999, p.21).

É a partir desse novo projeto que os missionários começam um novo jeito de catequizar, usando de mecanismos originais, mas tendo como base e fundamento o modelo catequético tradicional europeu.

A catequese desse período sofre algumas definições a partir de fatos históricos ocorridos como a regulamentação da pastoral com a promulgação dos decretos sinodais na Constituição da Arquidiocese Da Bahia, a expulsão do Jesuítas, a

eliminação dos religiosos dos ensinos e a reforma dos estudos maiores e menores com reflexos da doutrina cristã – o ensino religioso – tudo isso como diz: *Lustosa “coloca em marcha ou a contramarcha a catequese no brasil que sofre em cada um deles influencia e coersões políticas notórias”* (LUSTOSA, 1999, p.20).

Vale ressaltar a presença e trabalho dos Jesuitas, em destaque o Pe. José de Ancheita, que deram corpo a evangelização estrutural compondo uma gramática da língua brasileira e a formulação de um método que como ele mesmo dizia em suas cartas *“com a música poderia civilizar toda os indígenas do continente e com instrumentos sonantes, poesia, canto, produziu excelentes resultados”* (OLIVEIRA, 1980, p.9). Esse processo catequético era chamado de “Cartilha do Mestre Inácio”. Muitas outras ordens religiosas colaboraram com os Jesuítas neste processo, como os Franciscanos, Carmelitas e Beneditinos.

Uma figura que também se destaca neste periodo é o Pe. Antônio Vieira que com seu catecismo em uma pregação verdadeiramente evangélica dedicou-se a conversão e proteção dos índigenas com uma oratória que contemplava todas as classes sociais. Ralfy Mendes Oliveira destaca: *“Um catecismo tão exato nos mistérios da fé, e tão singular, entre quantos se têm escrito nas línguas políticas, que mais parece ordenado para fazer cristãos teólogos que de gentios cristãos”*. (OLIVEIRA, 1980, p.11).

A partir disso os Jesuítas ganharam muita influência política e econômica que não agradava o Ministro Marquês de Pombal que decidiu expulsá-los desta terra pois queria centralizar a administração colonial e controlar as ações das ordens religiosas que exerciam seus trabalhos com autonomia. *“Em 1759 o Marquês de Pombal, visando por fim a interferência dos jesuítas nos negócios do Estado, fez expulsá-los de Portugal e de suas colônias. Foi assim interrompida a atividade dos jesuítas junto ao indígenas como junto a população branca.”* (OLIVEIRA, 1980, p.12).

Com esse afastamento, cresce uma grande influência jansenista com o Catecismo de Montepellier a pedido de Marquê de Pombal foi adotado nos ensinos das escolas do reino e colônias, mas a aplicação desta livro durou até o inicio do periodo imperial.

Com o início do primeiro reinado no Brasil, os bispos iniciaram um trabalho de um replantio do espírito da Reforma Tridentina ou seja, voltar a um caráter romano.

A primeira tarefa visava a substituição do tradicional catolicismo lusitano, de origem medieval, por um catolicismo de caráter mais romano. Neste esforço renovador os bispos deram particular importância ao ensino da doutrina cristã, liderando pessoalmente todas as atividades efetuadas neste campo. (OLIVEIRA, 1980, p.13).

Uma característica desse período foram as criações e traduções de catecismos e manuais para a vida cristã que visavam em primeiro lugar a superação do catecismo tradicional de Montpellier, realidade que muda quando em 1899, em Roma no primeiro Concílio Plenário da América Latina foi decidido que existisse um só catecismo para cada nação com linguagem própria e adaptada para cada realidade e trazer em sua base as virtudes teológicas, o credo, os mandamentos, Pai Nosso, Ave Maria, e os sacramentos: *“A catequese tridentina era memorizante: tratava-se de instruir para que as verdades ficassem bem impressas na memória”* (OLIVEIRA, 1980, p.15).

Ao longo dos anos, a catequese no Brasil passou por transformações inspiradas nos documentos dos pontífices como por exemplo o Papa Pio X (1903-1914) com a sua encíclica “*Acerbo Nimis*” que visava curar a ignorância religiosa que era consequência de uma corrupção moral com a instrução religiosa com normas práticas para a sua organização, foi muito criticada na época pois o seu modelo se comparava a uma escola. Pio XI (1922-1939).

Também, o CVII impulsionou em muito a catequese no Brasil, fazendo-nos procurar novos meios para a transmissão da fé, atentos aos sinais dos tempos e aos apelos dos homens e mulheres de hoje e foi no CVII que aconteceu a recomendação da restauração do processo catecumenal.

Neste processo de renovação conciliar, diversos sínodos versaram sobre temas fundamentais como: a evangelização, a catequese, a família, a Palavra de Deus, a Eucaristia, a vocação e a missão dos leigos e leigas. Em tudo isso, a Igreja tem levado em consideração novas circunstâncias e necessidades, para poder promover de fato o encontro pessoal com Jesus Cristo e o acompanhamento de seus novos discípulos missionários. (DIVC, 2017, nº48).

Além desses encontros que formavam a consciência renovadora das lideranças eclesiasi, houveram documentos que inspiraram neste caminho renovador como a *Catequese Renovada* (1983) e o *Diretório Nacional de Catequese* (2006) que auxiliaram a colocar em prática todas as mudanças que o CVII pedia para toda a Igreja.

Por fim, vemos que a catequese no Brasil sofreu grandes influências de diversos tipos de modo de ser igreja que levou-a por muitas vezes a não exercer seu papel fundamental que é a evangelização e o encontro pessoal com Jesus, porém, ouvindo o CVII que grita pelo retorno as fontes nos pede para ser restaurado o catecumenato com os seus ritos e etapas específicos para que a formação da fé seja de forma efetiva e afetiva na vida do fiel.

## **2.2 Formação e elaboração da catequese de inspiração catecumenal**

Sabemos que no Concílio Vaticano II não teve um documento próprio para a catequese, porém na constituição “Sacrosanctum Concilium” que trabalha sobre a liturgia vemos no número sessenta e quatro um bloco falando sobre a restauração do catecumenato de adultos, que diz assim:

Restaure-se o catecumenato dos adultos, com vários graus, introduzindo seu uso segundo o parecer do Ordinário do lugar, de modo que o tempo do catecumenato, dedicado à conveniente instrução possa ser santificado por meio de ritos sagrados que se hão-de celebrar em ocasiões sucessivas. (SC, 1965, nº64).

De maneira inspirada todo o CVII caracteriza-se com o retorno as fontes, esse retorno não é um mero relembrar do passado, mas, é ser impulsionado por ele para atitudes novas de evangelização e ao lembrar do catecumenato na SC impulsiona toda a igreja a rever seus métodos catequéticos a fim de ter uma evangelização consistente aos seus fiéis, assim como foi na época catecumenal.

Quarenta e dois anos depois, na Conferência do CELAM (2007) em Aparecida, os bispos reunidos em assembléia novamente reafirmam a urgência de uma catequese de iniciação cristã e permanente entendendo que a catequese não é somente para a recepção dos sacramentos, mas é para a formação de toda a vida cristã. Essa afirmação vem após uma análise de que os fiéis participantes das comunidades eclesiasi não são devidamente evangelizados, não participam da vida

comunitária nem da vida sacramental da igreja: *“São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial”* (DAP, 2007, nº286). E nos convidam a partir dessa análise a serem criativos na evangelização emcarando os problemas e desafios:

Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora. Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer modalidade de iniciação cristã, que além de marcar o quê, também dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados. (DAP, 2007, nº287).

Um ponto necessário que a catequese de IVC deve trazer é o *querigma*, ponto esse que o Documento de Aparecida traz de forma bem clara e que é o coração da formação da catequese de IVC com inspiração catecumenal:

Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação na vida cristã que comece pelo querigma e que, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem, experimentando como plenitude da humanidade e que leve à conversão e ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão. (DAP, 2007, nº289).

Essa proposta para a IVC querigmática deve abranger não só a formação teórica da fé, mas sobretudo, deve propor ao fiel uma experiência concreta com a pessoa de Jesus e com a comunidade eclesial e não deve jamais ser deixado de lado:

Não se deve pensar que, na catequese, o *querigma* é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais «sólida». Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. (EG, 2013, nº165).

O Documento de Aparecida ainda diz sobre isso: *“Recordamos que o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, “teve sempre seu caráter de experiência, na qual era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo,*

*anunciado por autênticas testemunhas”* (DAp, 2007, nº290). Sempre na Igreja o processo de catequese foi de conhecimento de Jesus, experiência com ele e mudança de vida, foi assim com os Apóstolos e Discípulos e deve ser assim com os que vieram depois também, sempre foi querigmático, porém, por um tempo as nossas catequeses perderam seu caráter querigmático, e se propuseram a somente transmitirem a fé de maneira teórica sem levar em consideração o encontro pessoal com Jesus e com a comunidade.

Para mudar essa realidade os Bispos propõem que toda a comunidade paroquial deva assumir o processo querigmático para que seja uma comunidade acolhedora, formadora e mistagógica e ser um lugar onde “se assegure a iniciação cristã” (DAp, 2007, nº293) e para isso terá algumas tarefas que contemplam toda a vida formativa catequética:

Iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve a completar sua iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o querigma, querem abraçar a fé. (DAp, 2007, nº293).

Vemos nessa citação que a comunidade é também responsável no processo catequético de todos seja na formação permanente ou na formação inicial, mas, para isso é preciso uma renovação pastoral e que seu fim último seja a evangelização dos povos e o despertar da consciência discipular: *“uma comunidade que assume a iniciação cristã renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário.”* (DAp, 2007, nº291).

Assim, conseguimos enxergar a formação da catequese de inspiração catecumenal que tem como centro o querigma que é o anúncio e o encontro pessoal com Jesus; a partir desse encontro pessoal com a pessoa de Jesus o fortalecimento na vida comunitária e o despertar para a vocação missionária-discipular e também a formação da comunidade para que toda ela seja empenhada na IVC, mas, para isso acontecer na comunidade eclesial é necessário uma proposta renovadora e um desapego de estruturas já passadas e abertura ao que a Igreja para que como cita no Documento de Aparecida: *“a catequese não deve ser só ocasional, reduzida a momentos prévios aos sacramentos da IVC, mas sim “itinerário catequético permanente”*” (DAp, 2007, nº 298), em outras palavras a catequese não se deve reter

somente a preparação dos sacramentos, mas se voltar a toda a formação cristã e permanente do fiél.

### **2.3 A luz das DGAE como aplicar a catequese de inspiração catecumenal**

As duas últimas publicações das Diretrizes da Ação Evangelizadora para a Igreja no Brasil. As DGAE 2015-2019 trazem a reformulação da catequese como uma urgência para a Igreja no Brasil para que a comunidade eclesial seja casa da IVC e nas DGAE 2019-2023 traz a IVC como um pilar da comunidade eclesial.

Nas DGAE 2015-2019 apresenta a IVC como uma resposta ao estado permanente de missão, ou seja, é a partir da atividade missionária da comunidade eclesial, a partir do anúncio querigmático que as pessoas fazendo o encontro pessoal com Jesus se colocam a caminho para serem formados na fé. Esse anúncio deve se levar em conta o contexto e os instrumentos atuais para a evangelização: *“Cada tempo e lugar têm um modo característico para apresentar Jesus Cristo e suscitar nos corações o seguimento apaixonado a sua pessoa, que a todos convida para com Ele vincular-se intimamente”* (DGAE, 2015, nº41). No documento 107 da CNBB que fala sobre a Iniciação a Vida Cristã diz: *“O Evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores”* (DIVC, 2016, nº51) nestas duas citações observamos a necessária mudança do modo de se anunciar Jesus.

*Primeiro significa que “é o principal”, que sempre se tem de voltar a anunciar e ouvir de diversas maneiras.”* (DGAE, 2015, nº44). Esse é o primeiro ponto para a construção da catequese de inspiração catecumenal é fazer o anúncio querigmático com uma capacidade de entender os interlocutores e o meio que eles estão inseridos que se desdobrará no processo do catecumenato: *“Este primeiro anúncio desencadeia “um caminho de formação e amadurecimento” que é o catecumenato, propriamente dito, um tempo de acompanhamento em vista da iluminação da vida a partir da fé cristã.”* (DGAE, 2015, nº44).

Para isso acontecer, as DGAE apresentam algumas a começar pela abertura comunitária: *“acolhida, diálogo, partilha, escuta da Palavra de Deus e adesão à vida comunitária. Implica estruturas eclesiais apropriadas nos mais diversos lugares e ambientes, sempre disponíveis a acolher, apresentar Jesus Cristo e dar razões a nossa esperança.”* (DGAE, 2015, nº45).

Por fim, é preciso também, da reestruturação do perfil do catequista que deve deixar de lado o perfil de “*professor da fé*” e assumir a sua missão de “evangelizador-pregador”, pois por muito tempo, foi associada à figura dos catequistas à figura dos pedagogos, por ser, por muitas vezes esses profissionais que assumiam o ofício de catequistas. As DGAE ainda dizem:

“Pressupõe, por fim, um perfil de catequista/evangelizador, ponte entre o coração que busca descobrir ou redescobrir Jesus Cristo e seu seguimento na comunidade de irmãos, em atitudes coerentes na missão de colaborar na edificação do Reino de Deus.” (DGAE, 2015, nº45).

E a DGAE ainda apresenta que todo esse processo deve-se coroar na participação plena da liturgia que é o lugar por excelência do encontro com Deus e com a comunidade eclesial, por isso todo o anúncio querigmático deve sempre apontar para a liturgia: “*Por isso, “nenhuma atividade pastoral pode se realizar sem referência à liturgia”. Enfim, ela, fonte de verdadeira alegria da Igreja, na consolidação da comunidade cristã e na formação dos discípulos missionários*”(DGAE, 2015, nº46).

Os projetos pastorais para o Brasil não são feitos de forma singular, a cada ano é uma proposta e a cada ciclo terminado todos os projetos mudam, mas é preparado de forma linear e contínua, ou seja, uma sempre contempla e complementa a outra.

Nas DGAE de 2019 – 2023 traz em si a continuação da renovação da catequese no Brasil para uma catequese de Inspiração Catecumenal, agora não mais como urgência, mas, como pilar para a sustentação da casa que é a comunidade eclesial, a exemplo dos primeiros cristãos:

Os Atos dos Apóstolos relatam que a comunidade cristã se concentrava nas casas como o seu lugar característico de reunião, ajuda mútua e do fortalecimento da vivência missionária. Nelas os cristãos ouviam juntos a Palavra e, por esta iluminados, procuravam discernir a experiência da vida em Deus, conscientes de que a fé provém da escuta (Rm 10,17). (DGAE, 2019, nº88).

Era nas casas, comunidades pequenas que as pessoas eram formadas para a vivência da fé e é nesse espírito de comunhão que os bispos propõem para a Igreja do Brasil fortalecimento das pequenas comunidades reunidas em torno da palavra de Deus: “*A partir do encontro com a Palavra e da experiência de vida fraterna na comunidade, as pessoas são introduzidas no processo de Iniciação à Vida Cristã. “É*

*preciso ter sempre presente que toda a iniciação cristã é caminho de conversão.”* (DGAE, 2019, nº89).

Iniciação à Vida Cristã e Palavra de Deus estão intimamente ligadas. Uma não pode ocorrer sem a outra. Os processos de Iniciação e a formação dos agentes evangelizadores precisam levar em conta as etapas que lhe são próprias: o querigma, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Assim, esse itinerário, fundamentado na Sagrada Escritura e na Liturgia, é capaz de educar para a escuta da Palavra, para a oração pessoal e para o compromisso comunitário e social. (DGAE, 2019, nº90).

Por fim, concluímos que a formação da IVC de Inspiração Catecumenal passa por uma reforma eclesial, ou seja, em toda a comunidade. Toda a comunidade deve estar atenta e aberta para acolher, dialogar e ensinar e junto com os não batizados ou os batizados mas não suficientemente evangelizados façam o seu encontro pessoal com a pessoa de Jesus e escutando a sua palavra se coloquem a caminho na missão e toda a comunidade eclesial seja como nos pede o Papa Francisco uma Igreja de portas abertas: *“As Igrejas devem ter sempre as portas abertas, porque este é o símbolo do que é uma Igreja: sempre aberta”*. (FRANCISCO, 2019).

#### **2.4 Aplicação da catequese de inspiração catecumenal na diocese de Guarulhos.**

As diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil 2015 – 2019 propõem que a comunidade eclesial seja casa de iniciação à vida cristã e usa como exemplo bíblico Paulo e Silas que ao serem libertados e o carcereiro reconhecer naquele momento a ação de Deus, eles receberam a Palavra do Senhor e todos foram batizados na casa: *“E anunciaram-lhe a Palavra do Senhor, bem como a todos os que estavam em sua casa. Levando-os consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes as feridas, e imediatamente foi batizado, ele e todos os seus.”* (At 16, 32-33).

É nesta dinâmica evangelizadora que devemos pensar nossas comunidades como esses locais que as pessoas reconheçam a ação de Deus, escutem a Palavra do Senhor, se encontrem com a pessoa de Jesus Cristo e sejam introduzidas na vida sacramental e comunitária: *“Nossas comunidades precisam ser mistagógicas, lugares por excelência da catequese, preparadas para favorecer que o encontro com Jesus Cristo se refaça permanente”* (DGAE, 2015, nº43).

Para que isso se concretize, a comunidade eclesial deve-se entender seu estado permanente de Missão, sua abertura a realidade do tempo presente, seu desapego a estruturas ultrapassadas e sobretudo abertos a ação do Espírito Santo que é o protagonista da missão.

“A consciência missionária “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais, a ponto de deixar para trás práticas, costumes e estruturas que, por corresponderem a outros momentos históricos, atualmente já não favorecem a transmissão da fé. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos, é justamente a missionariedade” (DGAE, 2015, nº40).

Ouvindo este apelo da Igreja no Brasil que Dom Edmilson Amador Caetano, Ocist, bispo diocesano de Guarulhos, junto com a equipe diocesana da catequese, formada por um padre acessor e por leigos alguns leigos representando todas as forâneas da diocese iniciam o processo de estruturação do modelo catecumenal em toda a diocese.

O primeiro passo foi a formação e a estruturação da equipe diocesana, foram meses de estudos e preparação sobre a temática da Inspiração Catecumenal encontros acessorados pelo bispo diocesano, padres e professores convidados com estudo e pesquisa de materiais para serem usados na diocese, sempre com muito entusiasmo e conscientes que o processo catequético não visa somente a recepção dos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia, mas visa sobretudo na “adesão a Jesus Cristo” (DGAE, 2015, nº43) na sua proposta de vida e missão. Foi necessário também uma mudança de pensamento sobre a figura do catequista que não é somente aquele que transfere o conhecimento da Fé, mas sobretudo, é um evangelizador por excelência que é “*ponte entre o coração que busca descobrir ou redescobrir Jesus Cristo e seu seguimento na comunidade de irmãos, em atitudes coerentes e na missão de colaborar na edificação do Reino*” (DGAE, 2015, nº45).

Além da formação para equipe diocesana, aconteceram processos de formação simultâneos com este temário: *Atualização Anual do Clero, tema: RICA (2016); Conselhos Forâneos Pastorais, tema IVC (2016), Semana Diocesana de Formação, tema IVC*. Por fim, aconteceu por forânea com representantes de todas as paróquias, encontros formativos mensais e esses catequistas que participavam dos encontros

forâneos se tornavam “multiplicadores” nas suas paróquias e comunidades, tinham a missão de transferir toda a formação recebida.

O material escolhido para os Adultos foi a coleção das Vozes “Iniciação à Vicência Cristã – Leandro Francisco Pagnussat e Maria Augusta Borges” que compõe cinco volumes – pré-catecumenato, catecumenato, Iluminação e purificação, mistagogia e livro do catequista – esse processo dura um ano, que vai da Quaresma até festa de Pentecostes do ano seguinte ao início da catequese. Os catecúmenos – que não possuem nenhum sacramento – recebem os sacramentos da IVC na noite da Vigília de Páscoa e os outros catequisando recebem o Crisma durante o período pascal. Esse método começou na Quaresma de 2017 e na Vigília Pascal de 2018, grande parte das paróquias já tiveram seus primeiros crismas de adultos na Vigília Pascal.

Com a catequese de Crianças foi um pouco diferente, o bispo, junto com a equipe diocesana determinou que no Advento de 2018 fosse iniciado o processo de catequese de inspiração catecumenal para as crianças com período de duração de quatro anos chamada de quatro etapas com base na coleção “O Caminho – Pe. Thiago Faccini”. No primeiro ano as crianças recebem uma catequese querigmática; na segunda etapa recebem sobre o creio, terceira etapa sobre o Pai-Nosso e por fim na quarta etapa recebem catequese sobre os sacramentos. No Domingo de Páscoa da quarta etapa as crianças não batizadas recebem o batismo e na Festa de Cristo Rei encerra a catequese com a celebração da Primeira Eucaristia.

Com o encerramento da primeira turma de Catequese de Inspiração catecumenal na diocese, inicia-se o Crisma de inspiração catecumenal. Em 2022, na Quaresma começaram os primeiros grupos de crisma formados inicialmente pelos que terminaram a catequese no ano anterior e também aos jovens que estavam na faixa etária do crisma. Esse grupo tem como material base também a coleção “O Caminho – Pe. Thiago Faccini” com duração de três anos – três etapas – o diferencial desta catequese é que na terceira etapa, eles terão somente um encontro por mês em turma com a catequista, os outros dias de encontro eles estarão fazendo o que chamamos de “estágio pastoral” onde o adolescente a cada mês fará uma experiência com uma pastoral diferente para melhor conhecimento da comunidade eclesial nos seus

diversos trabalhos e serviços pastorais, isso possibilita uma melhor inserção das pastorais na vida catequética e fortalece a pastoral de conjunto da comunidade.

Por fim, concluímos então neste capítulo que o apelo da Igreja no Brasil para uma mudança de mentalidade catequética é importante e válida para a superação de modelos ultrapassados que ainda insistem em assombrar nossos tempos. O modelo de Inspiração Catecumenal se torna importante para a caminhada evangelizadora pois compreende uma evangelização total da pessoa, que vai do seu encontro e adesão pessoal de Jesus até a sua inserção na vida comunitária.

## CAPÍTULO III

### A LUZ DA CATEQUESE DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL FORMAR A IDENTIDADE MISSIONÁRIA NO CATEQUISANDO.

Todo batizado é missionário por essência e vocação. Herdamos dos Apóstolos a missão do anúncio que eles receberam de Jesus ressuscitado (cf. Mt 28, 16-19), mas, por muitas vezes e por comodismo deixamos de lado nossa vocação missionária.

A catequese é o lugar por excelência para o despertar missionário, é na catequese seja ela em qual etapa da vida for, que o catequista, aquele que faz o anúncio querigmático e transmite a fé aos catequisandos deve fazer neles despertar para o discipulado de Jesus. Neste capítulo vamos concluir que a catequese de inspiração catecumenal no seu método pode ajudar nessa formação da identidade e consciência missionária.

#### 3.1 Como é formada a identidade missionária?

Todo despertar missionário nasce do encontro pessoal com Jesus Cristo, grande exemplo deste despertar é o encontro de Jesus com a Samaritana (cf. Jo 4) que ao se encontrar com Jesus no poço de Jacó reconhece o messias e sai para testemunhar esse encontro. Assim como foi também com os Apóstolos, os escolhidos por Jesus para levarem a diante seu mandato Apostólico (cf. Mc 16, 15) e perpetua até os dias de hoje com cada batizado que é chamado a ser discípulo missionário de Jesus.

Paulo VI (1897-1978) na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* afirma que toda a Igreja tem a tarefa de evangelizar todos os homens e esse serviço é essência vital para que todos os povos conheçam o amor vindo de Deus:

Nós queremos confirmar, uma vez ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja, tarefa e missão, que as amplas e profundas tornam ainda mais urgentes. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais orifunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar. (EN, 1975, nº14).

O CVII afirma que é a identidade essencial da igreja a ação missionária e todos os homens e mulheres participantes desta igreja, unidos pelo sacramento do Batismo devem assumir essa identidade e os tempos atuais, pedem com urgência essa elaboração de consciência para a missão evangelizadora.

O Papa Francisco, atualiza isso com a sua expressão “*Igreja em saída*”(EG, 2013, nº20)que convoca toda a igreja nos tempos atuais a abandonarem o comodismo das nossas comunidades e saírem rumo aos que estão afastados da fé e da vivência comunitária:

Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG, 2013, nº20).

O Papa Francisco ainda continua nesta exortação que a comunidade dos discípulos missionários é a comunidade que “*primeireia*” (EG, 2013, nº21), ou seja, é a comunidade que se adianta para ir ao encontro dos afastados, ela sente-se impulsionada pelo amor de Jesus que as tocou etransformou e não retém para si, mas, quer anunciar aos outros:

A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, procedeu-a no amor (cf.1Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. (EG, 2013, nº24).

Por isso, é importante entendermos que só se pode anunciar aquilo que foi experimentado. O anúncio é um testemunho autêntico daquele que fez e faz a experiência com Jesus. Essa experiência acontece de forma pessoal e comunitária na comunidade eclesial que também por muitas vezes precisa de uma renovação para atender os apelos do mundo e do tempo presente, pois, corre-se o risco de ficar presa a estruturas que não atendem mais a atualidade e precisam ser renvoadas a luz do Espírito Santo que sempre faz novas todas as coisas. (cf. Ap 21).

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. (EG, 2013, nº27).

É um clamor do Papa Francisco, para que todos assumam essa mudança pastoral e de consciência, reconhecendo-se discípulos missionários a partir do

Batismo e com a Igreja, comunidade dos Batizados, levar esse anúncio a todos os povos:

Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. (EG, 2013, nº 120).

O Papa é bem claro em suas palavras, todos, devem assumir o caminho discipular e superar que a ação evangelizadora fique somente com os que são ministros ordenados ou se consagraram a Deus pelos votos religiosos. Todos fazem parte da missão da Igreja e essa é a chave para a mudança de consciência que todos assumam a sua missão.

Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos “discípulos missionários”. Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: “Encontrámos o Messias” (cf. Jo 1, 41). A Samaritana, logo que terminou o seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus “devido às palavras da mulher” (cf. Jo 4, 39). Também São Paulo, depois do seu encontro com Jesus Cristo, “começou imediatamente a proclamar (...) que Jesus era o Filho de Deus” (cf. At 9, 20). (EG, 2013, nº 120).

Deste modo, vamos construindo o pensamento sobre a formação da consciência missionária que começa a partir do encontro com Jesus; este encontro leva a uma mudança interior e exterior e impulsiona aquele que se sente tocado por Jesus a anunciar a outros este amor que transformou a sua história.

Porém, os que recebem o anúncio devem encontrar um local para receber a instrução na Fé em um ambiente acolhedor e fraterno, para isso o Papa exorta que a comunidade deve sempre estar de portas abertas para os acolherem: *“A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas.”* (EG, 2013, nº 47). Essa comunidade de portas abertas, formada por discípulos missionários deve proporcionar ao recém chegado uma formação na que ofaça querer conhecer cada vez mais sobre Jesus e sobre a sua igreja e ter uma vida sacramental na comunidade eclesial.

O mandato missionário do Senhor inclui o apelo ao crescimento da fé, quando diz: “ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (cf. Mt 28, 20). Daqui se vê claramente que o primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento. A evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela. Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco, mas possa dizer com plena verdade: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (cf. Gl 2, 20). (EG, 2013, nº 160).

A catequese deve trazer em sío anúncio querigmático capaz de tocar o coração deste e fazê-lo caminhar na comunidade eclesial e gerar mudança de vida:

A centralidade do querigma requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena. (EG, 2013, nº165).

Essa formação para o amadurecimento na fé deve ser assumida por toda a comunidade, afim de que ajudem e acompanhem os recém chegados e os introduza na vida litúrgica-sacramental da igreja que se chama mistagogia: *“iniciação mistagógica que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã.”* (EG, 2013, nº166).

Por fim, a formação da consiência missionária para por entender que todos são chamados a serem evangelizadores, discípulos missionários de Jesus, conscientes pelo batismo e impulsionados por sua experiência pessoal com Jesus, querem de modo livre anunciar e testemunhar de forma querigmática Jesus e seu projeto de salvação para cada pessoa humana. E para isso acontecer deve-se em primeiro lugar ser despertado na comunidade eclesial e de forma especial nas catequese para que aqueles que estão sendo formados na fé sejam impulsionados a esta experiência. *“Seja como for, todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida.”* (EG, 2013, nº121).

### 3.2 Como aplicar a formação missionária na catequese de inspiração catecumenal?

Sabe-se que a catequese é uma pastoral de grande importância para a comunidade eclesial, é nela que são preparados e gestados aqueles que serão os novos discípulos missionários da igreja, mas, não basta receber a formação missionária, é necessário despertar-se para a ação *“suscitar discípulas e discípulos e gerar a consciência de vida cristã que culmina na missão”*. (NETO, 2018, p. 17).

No documento final da confência de Santo Domingo é pedido uma catequese missionária, mas, para isso é necessário que o catequista seja capaz de *“iluminar, a partir da Palavra de Deus, sua própria realidade pessoal, comunitária e social”* (SD, 1992, n. 49), assim, conhecendo a realidade que os interlocutores vivem anunciar a Boa Nova.

A aplicação da formação missionária da catequese deve passar primeiro por uma conversão pastoral da própria catequese, entendendo que todo o serviço prestado deve ter como finalidade o anúncio e a formação, ou seja, estar em *“estado permanente de missão”*(DAp, 2007,nº551). Na catequese deve se colocar em prática o que o documento de Aparecida chama de *“espiritualidade missionária”* (DAp, 2007, nº284).

É necessário formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência. Não é uma experiência que se limita aos espaços privados da devoção, mas que procura penetrá-los completamente com seu fogo e sua vida. O discípulo e missionário, movido pelo estímulo e ardor que provêm do Espírito, aprende a expressá-lo no trabalho, no diálogo, no serviço e na missão cotidiana. (DAp, 2007, nº284).

Deste modo para a aplicação da missão na catequese deve-se ter em vista a ação do Espírito Santo na vida de cada pessoa em toda a sua existência e essa ação não se prende a estruturas, mas abre-os a ir onde for preciso.

O centro íntimo de uma espiritualidade missionária é a disposição de sair para as periferias, de ir aonde as pessoas esbarram com seus limites existenciais, em vez de permanecer em si mesma e nos círculos que se familiarizaram. (AUGUSTIN, 2021, p.137).

A catequese que fomenta a espiritualidade missionária é aquela que faz com que os catequizando disponham-se a abandonar as suas seguranças e comodidades

e partir para as periferias existenciais ou corre-se o risco de se prender ao grupo de catequese e por ali permanecer.

O catequista é esse grande agente de impulso missionário que inspira nos catequisandos esse desejo de anunciar, para isso, o catequista deve propor encontros reflexivos e que façam os catequisando a conhecer realidades diferentes das que eles estão inseridos e pensar porquê ainda existem tantas desigualdades, é preciso que dentro do grupo não haja distinção dos que são ricos e pobres, mas que todos se sintam como irmãos.

No âmbito da catequese missionária, o catequista é chamado ainda a oferecer encontros catequéticos, que acontecerão nas casas de ricos e pobres (CNBB, DGAE 2019- 2023, n. 77). Guardando os devidos cuidados com relação aos abusos (cf. DPC, n. 141), mas com um “olhar contemplativo” (EG, n. 71) diante das pobreza espirituais, a catequese é motivada a se fazer presente, “com palavras e gestos”, (EG, n. 24) desde as favelas aos condomínios, para mostrar que Deus habita nas casas de seus catequizandos (EG, n. 71). Como representante da “Igreja em saída” (EG, n. 24), o catequista é chamado a “sair e alcançar todas as pessoas, casa por casa”<sup>254</sup>, “de pessoa a pessoa” (EG, n. 127-129) e evangelizar os “afastados, interessa-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a novamente a se envolverem com ela” (DAP, n. 226d). Nesta evangelização, ele poderá “alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos” (EG, n. 74) da vida de seus catequizando ricos e pobres, bem como de suas famílias, pois o “Evangelho é o melhor remédio” (EG, n. 75) para os diversos dilemas e “pobrezas escondidas” (DAP, 176) que essas pessoas enfrentam. (NETO, 2021, p.55)

Essa dinâmica do conhecer, visitar, acolher a todos, principalmente os diferentes socialmente, é um grande exercício para reconhecer nesses o rosto de Jesus e ama-los.

A formação missionária da catequese deve propor ao catequisando o despertar missionário que a recepção dos sacramentos os impulsiona. Como aos Apóstolos é oferecido o Espírito Santo como força para missão (cf. At 2,36), também, cada cristão que recebe o Batismo e a Confirmação é impulsionado para levar os outros essa experiência.

Um outro ponto que a formação missionária da catequese deve refletir é sobre os valores que muitas vezes são deixados de lado na sociedade, que muitas vezes deixa o ser humano de lado a própria sorte assim ajuda-los a promover em suas vidas ações que garantam a promoção e a dignidade da vida humana. A catequese

pode proporcionar ao catequisando uma verdadeira reflexão sobre o olhar ao outro com o Bom Samaritano no Evangelho que tem compaixão daquele que acabará de ser agredido por assaltantes e é invisível pelos que passam por ele. (cf. Lc 10, 25-37).

Relativamente à proposta moral da catequese, que convida a crescer na fidelidade ao estilo de vida do Evangelho, é oportuno indicar sempre o bem desejável, a proposta de vida, de maturidade, de realização, de fecundidade, sob cuja luz se pode entender a nossa denúncia dos males que a podem obscurecer. Mais do que como peritos em diagnósticos apocalípticos ou juízes sombrios que se comprazem em detectar qualquer perigo ou desvio, é bom que nos possamos ver como mensageiros alegres de propostas altas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho. (EG, 2013, nº168).

A formação missionária da catequese não deve se ater somente na formação inicial – a catequese propriamente dita para a recepção dos sacramentos – mas, deve superar este ciclo e tornar-se permanente na vida do cristão pois toda sua vida deve ser sempre pautada nos valores do Evangelho e no apelo da igreja para aquele tempo.

Se queremos que as paróquias sejam centros de irradiação missionária em seus próprios territórios, elas devem ser também lugares de formação permanente. Isso exige que se organizem nelas várias instâncias formativas que assegurem o acompanhamento e o amadurecimento de todos os agentes pastorais e dos leigos inseridos no mundo. (DAp, 2007, nº306)

Por fim, para a aplicação da formação missionária na catequese é necessário um despertar para a consciência de batizados e ungidos pelo Espírito Santo e assim enviados para a missão. Uma abertura e o desapego da sua própria realidade e estruturas ultrapassadas e se abrir ao outro e as novas realidades. É necessário uma renovação pastoral da estrutura da catequese que proporcione ao catequisando, a partir do querigma um impulso missionário de levar outros a essa experiência com a pessoa de Jesus e a transformação social a partir do Evangelho garantindo a plenitude da vida para todos e estado permanente de missão a partir da formação permanente da Fé.

Essas pessoas formadas com consciência missionária, formarão comunidade que juntos celebrarm a fé e anunciam o evangelho. A DGAE 2019 – 2023 apresenta isso como comunidade eclesial missionária que o que vamos refletir no próximo tópico que é o fechamento deste trabalho. Os que são catequisados a partir do querigma – inspiração catecumenal – criam consciência missionária e formam comunidades eclesiais missionárias que vivem a suas vocações inseridas na sociedade.

### 3.3 Aplicação da identidade nas comunidades eclesiais missionárias.

O cristão não foi feito para ficar só, mas, para viver em comunidade. É reunidos em comunidade que Deus se faz presente (cf. Mt 18,20), é em comunidade que o Ressuscitado aparece aos discípulos (cf. Jo 20,19-30) é em comunidade que eles são enviados a anunciar (cf. Mt 10,18).

A comunidade reunida é o local por excelência da ação do Ressuscitado. É na comunidade reunida que os discípulos de hoje se reúnem para celebrar a Eucaristia, partilhando a Palavra e o Pão. É com a comunidade reunida que os discípulos de hoje se unem planejar planos pastorais e é na comunidade reunida que os discípulos de hoje colocam em prática os planos de ação pastoral. É com essa bela imagem da comunidade – casa – que os bispos através das DGAE convida a toda a Igreja no Brasil a repensarem suas estruturas eclesiais.

No momento atual, pelo qual passam o mundo e o Brasil, a conversão pastoral se apresenta como desafio irrenunciável. Esta conversão pastoral se aplica a formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, nos mais variados ambientes... Essas comunidades podem oferecer, nesse contexto, meios adequados para o crescimento da na fé, para o fortalecimento da comunhão fraterna, para o engajamento de seus integrantes na missão e para a renovação da sociedade. (DGAE, 2015, nº33).

Desta forma, as comunidades eclesiais missionárias, são pequenos grupos para que os cristãos vivam em comunidade e possam ser acompanhados no seu processo permanente de crescimento na fé em um ambiente familiar e acolhedor. *“Pequenas comunidades oferecem um ambiente humano de proximidade e confiança que favorece a partilha de experiências, a ajuda mútua e a inserção concreta nas mais variadas situações.”* (DGAE, 2015, nº34).

Importante levar em consideração que as comunidades eclesiais missionárias devem estar abertas e preparadas para acolher os que são recém iniciados na fé, eles precisam de uma atenção maior e de mais paciência dos que já compõem a comunidade eclesial pois é nesta comunidade que eles vão colocar em prática toda a formação missionária que receberam durante o tempo de catequese.

São os locais por excelência para acompanhar os primeiros passos desses novos irmãos na fé que por muitas vezes podem sentir-se desanimados na caminhada e serem animados e acolhidos: *“São espaços propícios para o crescimento espiritual,*

*por meio da partilha da experiência de fé e da fidelidade a Jesus Cristo e a seu Evangelho nos contextos em que se encontram” (DGAE, 2019, nº36).*

Esse compromisso interpessoal entre os irmãos de fé colaboram para a construção de vínculos entre si, marca fundamental para a comunidade eclesial missionária.

Uma comunidade só é comunidade se tiver vínculos existenciais. De fato, usamos muito a expressão comunidade. Devemos, entretanto, ter o cuidado de nos questionar se o que chamamos de comunidade preenche as condições para tanto. A primeira dessas condições é exatamente a cumplicidade de vida, o vínculo de amizade e compartilhamento da existência. (SCHMIDT, 2022).

Só é possível construir comunidade se houver vínculo e o vínculo só é criado a partir da acolhida, do diálogo e da reciprocidade que nascem do anúncio querigmático.

Por fim, concluímos que as comunidades eclesiais missionárias são lugares de extrema importância para a vivência da fé dos catecúmenos, mas, para isso é urgente uma necessária conversão pastoral, mudança de pensamento e de estrutura para que cada pessoa recém batizada ou não possa com muito entusiasmo assumir a sua missão na Igreja e ajudar os irmãos a fazerem essa experiência também.

Deste modo, a comunidade eclesial missionária é o lugar por excelência da prática da identidade missionária, onde toda a comunidade que é casa da iniciação cristã e convidada a acompanhar e a incentivar a os que trilham esse caminho de formação inicial ou todos os batizados que continuam na formação permanente da fé, até chegarem o dia derradeiro do encontro definitivo com Deus.

## CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi apresentar o método catequético de inspiração catecumenal como lugar privilegiado para a formação dos novos discípulos missionários que são os que estão na formação inicial da fé, sejam eles crianças, jovens ou adultos.

O querigma é o ponto fundamental da catequese de inspiração catecumenal, é a partir desta metodologia que parte da experiência pessoal com a pessoa de Jesus, a formação da fé e o convívio em comunidade. As primeiras comunidades cristãs são ótimos exemplos para as comunidades hoje de formação querigmática, pequenas comunidades irmãs e vida litúrgica ativa.

No primeiro capítulo olhando a trajetória da caminhada catequética do nosso país e notamos que por muito tempo, nossas catequese se ateram somente no ensinamento teórico da fé – que não é de todo ruim – com métodos de memorização sem levar em conta em primeiro lugar o encontro pessoal com Jesus e a sua inserção na comunidade. Observamos que esse método já não corresponde e não atende ao tempo presente. Por isso, tanto no CVII como nas conferências gerais do CELAM pede-se o retorno do catecumenato, não de modo total, mas como inspiração. Olhando para o passado e tendo-o como exemplo e inspiração para pensar em novas ações para o futuro.

Deste modo, no segundo capítulo, buscamos apresentar a catequese de inspiração catecumenal como um renovo pastoral na evangelização catequética, pois com seu método querigmático leva a pessoa a se encontrar com a pessoa de Jesus e o seu projeto de vida. Ela, conhecendo cada vez mais Jesus se coloca a serviço da Igreja na missão que a ela foi confiada, mas para isso é necessário a ajuda dos catequistas para acompanhando esses de perto os ajude a criar consciência missionária e seu lugar na comunidade e na sociedade.

E por fim no terceiro capítulo, entendemos que para isso acontecer é necessário uma mudança na catequese, libertar-se de estruturas ultrapassadas e abrir-se ao novo. Uma mudança na formação dos catequistas para que entendam o processo catecumenal e o processo missionário da Igreja. Uma mudança na consciência da comunidade eclesial para que se entenda como comunidade eclesial missionária e como participante do processo catequético, pois, por muitas vezes, o

processo catequético é visto como algo a parte da comunidade e a inspiração catecumenal visa a participação de todos no processo catecumenal de cada catequisando que se finda na liturgia e por fim uma mudança de conteúdo das catequese para que dentro da catequese o catequisando possa aprender sobre a missão da igreja e colocar já na prática esses ensinamentos visitando e conhecendo realidades diferentes das deles que estão inseridos.

Assim, forma-se então as comunidades eclesiais missionárias que são comunidades conscientes da sua missão e do seu papel na igreja e na sociedade e que são lugares por excelência da ação missionária dos catequisandos, são lugares propícios para colocarem em prática tudo aquilo que eles aprenderam na sua formação inicial e seja lugar de formação permanente da fé.

Concluimos então que a Catequese de inspiração catecumenal fortalece a formação missionária dos novos discípulos missionários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO. **Tratado sobre o batismo**: Tradição e notas de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019.
- AGOSTINHO. **Instrução dos Catecúmenos**: teoria e prática. Tradução de Maria da Glória Novak; introdução Hugo de V. Paiva. Petrópolis: Vozes, 2020. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã).
- AUGUSTIN, George. **Por uma Igreja “em saída”**: impulsos da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Tradução de Antônio Maia da Rocha. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BISSOLI, Cesare. **A conversão missionária da catequese**. Revista de Catequese. Ano 32, nº125. São Paulo: UNISAL, 2009.
- BRASIL, Elyanne. **Uma iniciação litúrgico-catequética**. Revista de Catequese. Ano 14, nº 56. São Paulo: UNISAL, 1991.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Apostólica Sacrosanctum Concilium: sobre a Sagrada Liturgia**. Petrópolis: Vozes, 1966.
- CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**: Texto aprovado pela 43ª Assembleia Geral Itaici – Indaiatuba (SP), 9 A 17 de agosto de 2005. 5ª edição. São Paulo: Edições Paulinas, 2007. (Documento da CNBB).
- CNBB. **Catequese Renovada**. Brasília: Edições CNBB, 2009.
- CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019**. Brasília: Edições CNBB, 2015. (Documento da CNBB).
- CNBB. **Iniciação a Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários**. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Documento da CNBB).
- CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documento da CNBB).
- CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequeses pré-batismais**. Tradução de Frederico Vier e Fernando A. Figueiredo. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequeses Mistagógicas**. Tradução de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2020. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã).
- DIDAQUÉ: **Instrução dos apóstolos**: catecismo dos primeiros cristãos. Prefácio e tradução de Urbano Zilles. Petrópolis: Vozes, 2019. (Coleção Clássicos da Iniciação Cristã).
- FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO. Audiência Geral. **Catequese sobre os Atos dos Apóstolos**. Basílica Vaticana, quarta-feira, 23 de outubro de 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papa-francesco\\_20191023udienz\\_a-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papa-francesco_20191023udienz_a-generale.html). Acesso em: 10 abr. 2023.
- GALINDO, Félix Moracho. **Sacramentos da iniciação cristã**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1999. (Sacramentos hoje).

- HIPÓLITO DE ROMA. **Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. Liturgia e Catequese em Roma no século III.** Petrópolis: Vozes, 1971.
- IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Santo Domingo: Texto conclusivo IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.** São Paulo: Paulinas, 1992.
- JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*.** São Paulo: Paulinas, 1979.
- LELO, Antonio Francisco. **Pedagogia catecumenal: moda ou herança?** Revista de Catequese. Ano 32, nº125. São Paulo: UNISAL, 2009.
- LIMA, Luiz Alves de. **Novos paradigmas para a catequese hoje.** Revista de Catequese. Ano 30, nº 117. São Paulo: UNISAL, 2007.
- LIMA, Luiz Alves de. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da iniciação à Vida Cristã.** São Paulo: Paulus, 2016.
- LUSTOSA, Oscar de Figueredo. **Catequese católica no Brasil: para uma nova evangelização.** São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- MICHELETTI, Guillermo Daniel. **A caminhada da catequese no Brasil: visão geral e catequese crismal.** Revista de Catequese. Ano 30, nº 117. São Paulo: UNISAL, 2007.
- NERY, Irmão. **Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta.** São Paulo: Paulus, 2001.
- NETO, Manoel Rodrigues de Sousa. **Igreja em “saída” e catequese: por uma catequese querigmática e missionária.** Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3150/1/TCC%20%20Manoel%20Rodrigues%20de%20Sousa%20Neto.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023
- OLIVEIRA, Ralfy Mendes. **O movimento catequético no Brasil.** São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1980.
- PAULO VI. **Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*.** São Paulo: Paulinas, 1975.
- PAULO VI. **Decreto *Ad Gentes*:** Sobre a atividade missionária da Igreja (1965). Compêndio Do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo.** São Paulo: Paulinas, 2001.
- PARO, Thiago Faccini. **Conhecer a fé que professamos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- PARO, Thiago Faccini. **Celebrações do RICA: conhecer para bem celebrar.** Petrópolis: Vozes, 2017.
- RITUAL ROMANO. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**, renovado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica, São Paulo: Paulus, 2001.
- SCHMIDT, Gerson. **Vínculos para as comunidades eclesiais missionárias.** 01 de Junho de 2022. Vatican News. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-06/vinculos-comunidades-ecclesiais-missionarias-pe-gerson-schmidt.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

- SANTARÉM, (DIOCESE DE). **A vida das primeiras comunidades cristãs**. São Paulo: Paulus, 1987.
- TABORDA, Francisco. **Nas fontes da vida cristã**: uma teologia do batismo-crisma. São Paulo: Loyola, 2012.
- VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**: sobre a Igreja no mundo de hoje. Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes. 29ª Edição. 2000.
- V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 3ª Edição, São Paulo: Paulinas, 2007.
- WEINSENSEE, Jesús Antonio. **Animação bíblico-catequética de uma paróquia**. Revista de Catequese. Ano 31, nº 122. São Paulo: UNISAL, 2008.